

A Frente de Esquerda na Argentina

Um importante exemplo de uma nova política revolucionária para as eleições

■ A Frente de Esquerda na Argentina composta pelo PTS, organização irmã da LER-QI na Argentina, PO (Partido Obrero) e IS (Izquierda Socialista) está se colocando como uma alternativa classista, combativa e socialista nestas eleições. A campanha política que a Frente de Esquerda está levando adiante está se transformando em uma importante referência para todos os setores de trabalhadores, populares, juventude e de intelectuais que defendem uma política que de fato atenda às demandas de todos os explorados e oprimidos. Já conta com o apoio de mais de 400 intelectuais, e com vários comitês em locais de trabalho e estudo. Agora, a Frente de Esquerda teve uma importante vitória: elegeu um deputado dos trabalhadores na cidade de Neuquen. A candidatura da Frente de Esquerda em Neuquén teve como principais referências Raul Godoy, dirigente do PTS, organização irmã da LER-QI na Argentina, e Alejandro Lopez. Ambos são operários de Zanon, atual FaSinPat, e ocuparam sucessivamente o cargo de Secretario Geral do Sindicato de Empregados e Operários Ceramistas de Neuquén.

A votação foi um reconhecimento à histórica luta da fábrica de cerâmicas de Zanon, ocupada e posta a produzir sob o controle dos trabalhadores há 10 anos, durante os quais apoiou todas as lutas contra os governos locais entreguistas do petróleo e do gás da região, estabeleceu uma aliança combativa e militante com os movimentos dos trabalhadores desempregados, que foram os primeiros a trabalhar na fábrica sem patrões, levou sua solidariedade a todos os trabalhadores em luta do país, impulsionou a organização dos setores classistas, forjou uma aliança estudantil com os universitários, e estabeleceu que seus dirigentes fossem rotativos nos seus postos de direção para não se burocratizarem. Seguindo esta mesma tradição, Raul

Godoy e Alejandro Lopez irão exercer o cargo de deputado de maneira rotativa, e não ganharão mais que um salário como o que tem na FaSinPat. Esta importante vitória é uma prova de que quando a esquerda constrói na luta de classes uma trajetória de combate em defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo pode estar no parlamento com um programa classista e combativo, sem rebaixar o programa.

A partir da LER-QI saudamos efusivamente esta vitória da Frente de Esquerda, que é uma vitória de nossos irmãos de classe argentinos. Trata-se de um exemplo estratégico para toda a esquerda em nosso país. Reproduzimos abaixo, o discurso do candidato à vice-presidência da Frente de Esquerda, Christian Castillo, no ato da juventude desta Frente, e o programa defendido, que demonstra que é possível assentar as bases de uma posição revolucionária nas eleições.

Reproduzimos as declarações de Raul Godoy, Alejandro Lopez e Christian Castillo, e a declaração programática da Frente de Esquerda.

RAÚL GODOY: “CONQUISTAMOS UM NOVO LUGAR DE LUTA”

Há dez anos recuperamos o sindicato das mãos da burocracia, e nos comprometemos nesse dia a discutir, a lutar, a ter a assembléia como método. Voltamos aqui, à porta do Sindicato, para nos colocarmos a frente não somente da luta dos ceramistas, mas do conjunto dos trabalhadores e do povo que necessitam disso. Mas não necessitamos um “crachá” todos esses anos para fazê-lo: quando tivemos que estar no bairro Confluencia colocando-nos a frente como o fizemos, e quando tivemos que ter essa irmandade com os companheiros e companheiras desempregados (hoje na fábrica há mais de 100 companheiros e companheiras de distintas organizações que compartilham nosso trabalho e são operários ceramistas iguais a nós), com os companheiros mapupches e com companheiros e companheiras que lutam a partir de distintos lugares.

O que conquistamos hoje é um novo lugar de luta e isso é o que nós necessitávamos, o que estávamos buscando, colocar-nos à frente, buscar outro lugar desde onde lutar, buscar outro lugar também a partir de onde pudéssemos nos organizar melhor, desde onde fazer soar melhor a voz dos trabalhadores e trabalhadoras. No sábado que vem colocamos como moção e como proposta fazer uma grande plenária aberta a todos para ver o que fazemos com essa bancada e como começamos a organizar a luta do classismo em Neuquén e potencializamos a luta a nível nacional.

Quero dedicar este passo, e compartilhar com vocês que hoje estamos contentes com a libertação – que conseguimos com a luta – do Negro Martino, que ficou mais de um ano preso e ontem se libertou. Hoje podemos compartilhar que ele está livre e dizer que vamos lutar pelos 4000 companheiros e companheiras processados por lutar a nível nacional, e que vamos colocar esta bancada a serviço dessa luta, e vamos colocar essa bancada a serviço da luta de Santa Cruz e vamos preparar uma delegação para viajar nesta semana mesmo e nos colocarmos a frente como tem que ser. Para isso conquistamos esse lugar, para colocá-lo a serviço da luta, companheiros.

Quero dedicar também – e isso sim é pessoal – este avanço e este lugar de luta a uma companheira, uma velha operária da fruta que criou a três crianças trabalhando em um galpão de empacotamento em Centenário, 38 anos de antiguidade no galpão La Flor. Ela se chama Edith Peña e é minha mãe. A uma operária da fruta que sempre esteve nos apoiando no anonimato, pelo apoio e pela defesa, mas também porque representa uma geração de operários e operárias da fruta que aqui sempre lutaram e foram postergados. Mas agora podemos dizer que tem um representante no legislativo, assim como os companheiros mapuches com seus 250 companheiros processados e processadas por lutar, e os companheiros desempregados. Como fizemos todos estes anos, queremos colocar este lugar de luta que conquistamos a serviço dessa causa. Toda a militância que se jogou nisso, que se potencializou e a expectativa que gerou, nos fazemos responsáveis por isso e vamos organizar toda essa força, companheiros, porque isso recém começa. É uma etapa mais, uma etapa mais na luta de Neuquén que era merecida. O que está bem é que muitos dos que tínhamos um posto sindical, agora estamos falando de política, e então nos lugares de trabalho não só nos vem perguntar pelos boletins, pelos panfletos: agora nos vão perguntar que saída política damos para esta província, e para isso levantamos um programa, e esse programa está carregado da emoção da força que temos de nosso mártires e da luta que temos que conquistar! Um passo adiante! Começa outra etapa em Neuquén. A etapa dos legisladores operários e trabalhadores. É um orgulho pertencer ao PTS e integrar essa frente e um orgulho pertencer a este Sindicato.

A FRENTE DE ESQUERDA CONSEGUIU UM DEPUTADO DOS TRABALHADORES EM NEUQUÉN

Alejandro Lopez: “Estamos diante de uma grande oportunidade de multiplicar esta força militante”

Companheiros a verdade é que para nós, para a agrupação Marrón¹(e como ex-dirigente do Sindicato Ceramista, como companheiro militante), dizíamos que já era um triunfo o fato de ter conseguido tanta militância, o fato de ver a juventude tomar esta campanha como o fez: sempre nos perguntavam ‘quantos vocês são, e como fazem?’, porque em qualquer lugar que se vá os cartazes da Frente estão por toda parte, nos bairros operários, se vamos ao interior é o mesmo, quando ligamos a televisão e a rádio se fala da Frente. “Como fizeram”, me perguntavam e eu lhes dizia que o que acontece é que há organizações e há convicção e que há muita vontade de mudar as coisas e, sobretudo, confiamos em nossas próprias forças. Eu creio que isso é o mais importante e é o que temos aprendido, sobretudo nós, que não militamos em um partido, militamos em um sindicato, militamos na agrupação, mas isso não dizemos com orgulho: todo o oposto, isso também nos

¹ Chapa do Sindicato Ceramista de Neuquén composta pelo PTS e os independentes.

põe em crise, os companheiros da agrupação Marrón, porque nós não podemos ser independentes a vida toda, consideramos que nisso também vamos evoluindo, e a verdade é que temos que valorizar enormemente a paciência – permita-nos dizer isso que eu digo em nome dos meus companheiros/as – valorizar a paciência que tem tido conosco ao longo dos anos, ao longo das semanas e dias, com os debates e as discussões, mas para nós é muito importante. Nós aprendemos enormemente e por isso temos um respeito enorme a cada uma das organizações, e quando temos que lutar, lutamos, e quando temos que discutir, discutimos, mas acho que tanto entre vocês como entre nós o que nunca perdemos é que temos um inimigo, um inimigo de classe e isso para nós marca um limite, porque podemos debater muito mas sabemos contra quem nos enfrentamos.

Os companheiros da fábrica PepsiCo, da Kraft, os companheiros das montadoras de Córdoba, os companheiros do movimento sindical de base, amigos que temos aí, que perguntam: “Como está? Agente Neuquén vocês são sempre ponta de lança, como vêem as eleições?”, tudo isso tem que servir para o terreno político, para o terreno sindical e para cada uma das lutas. É uma prova de fogo e pudemos superá-la. Esta era a primeira prova de fogo que tinha a Frente e a enfrentamos obtendo uma conquista, uma bancada que é nossa, como diziam Raul e os companheiros, uma bancada que está a disposição dos trabalhadores. Eu recentemente pensava como vamos fazer quando tenhamos que ocupar esta bancada, e pensava que podíamos fazer com uma grande mobilização que saia da fábrica, e venha mobilizada e entre na câmara com toda a fortaleza que a classe trabalhadora tem. E, sobretudo convidar estes milhares de companheiros, porque não é casual que tenhamos feito uma boa eleição em Cutral Co, que é uma terra de luta, de piquetes, onde se colocaram os companheiros e aí tivemos uma muito boa eleição. Não é casual que no parque industrial também, este parque industrial pelo que inclusive fizemos uma crítica com Raul porque não demos o espaço para ir percorrer casa por casa, mas estão perto da fábrica, e eles sabem que fizemos parte da luta da fábrica, assim como eles vieram nos defender neste 8 de abril. Estamos fazendo uma campanha militante e isso não tem ninguém mais, nenhuma força política das que estiveram disputando tem a força militante que nós temos, e muito menos a convicção, mas temos que nos multiplicar. Estamos ante uma grande oportunidade de multiplicar esta força militante em nível regional, a nível nacional. Temos que conseguir entusiasmar estes milhares, milhões de trabalhadores e creio que somos parte da construção desta expectativa que vamos gerar na classe trabalhadora.

DISCURSO DE CHRISTIAN CASTILLO NO ATO DA JUVENTUDE DA FRENTE DE ESQUERDA

A campanha da Frente de Esquerda começou com tudo. Viemos com Jorge Altamira e José Castillo de participar no grande ato de fechamento da campanha da Frente de Esquerda em Neuquén, onde a frente está realizando uma verdadeira campanha de massas. As ruas de toda a província estão cheias de cartazes da Frente.

Artistas, músicos e professores de todas as tendências combativas gravaram saudações e declarações de apoio. A Frente Dario aderiu ao ato e chamou publicamente a votar na frente, como em numerosas organizações. As mostras de apoio da população são muito numerosas, como comprovam os companheiros nas caminhadas pelos bairros e locais de trabalho, ou como ocorre nos chamados de apoio que cada vez mais ouvimos nas rádios. Esta simpatia gerada pela campanha em Neuquén é sem dúvida produto do grande reconhecimento a dez anos de luta conseqüente dos operários de Zanon e do sindicato ceramista e da expectativa despertada pela unidade da esquerda classista, com candidatos lutadores como Alejandro López e Raul Godoy, ou reconhecidas companheiras lutadoras como a professora neuquina Patricia Jure, Graciela Frañol e Angélica Lagunas. “Os operários de Zanon são a máxima expressão da dignidade dos neuquinos e por isso temos que apoiá-los também nesta luta política”, dizia uma ouvinte que ligou para um programa em que estive junto com os companheiros.

Para os que temos mais tempo de militância um dos nossos desafios é aportar para que haja clareza estratégica de uma nova geração militante que hoje está aqui presente e que tomou com grande entusiasmo a campanha da frente.

No discurso que escreveu para o ato realizado em Nova York pela fundação da IV Internacional que teve de ser lido por outro, já que não lhe permitiram entrar nos EUA, Trotsky dizia que “o nosso não é um partido como qualquer outro. Nossa ambição não se limita a ter mais membros, mais jornais, mais dinheiro, mais deputados... Tudo isso é necessário, mas não é mais que um meio. Nosso objetivo é a total libertação material e espiritual dos trabalhadores e dos explorados através da revolução socialista. Ninguém com exceção de nós poderá guiá-la e dirigi-la”. Em momentos em que estamos participando com todas as nossas forças em um cenário político moldado pela burguesia e suas instituições, seus meios de comunicação, seus partidos; que todo o tempo busca as formas de marginalizar, degradar e impedir que se dê a intervenção política dos revolucionários; em que os políticos da classe dominante ganham a cena, e vivem e morrem por um cargo e por ambições individuais separadas de todo projeto de emancipação coletiva, é muito importante ressaltar que o que distingue a ação política dos revolucionários de qualquer outro partido existente: nosso objetivo, a luta pelo poder dos trabalhadores e da revolução socialista!

Esta tarefa se torna cada vez mais crucial pelo agravamento das condições da crise capitalista no mundo. A imprensa européia está cheia de artigos alertando sobre a possibilidade de default em vários países. A Grécia em primeiro lugar, cuja conseqüência seria um “novo Lehman Brothers” segundo advertem os próprios funcionários do Banco Central Europeu; ou pior ainda que os EUA tenham ficado sem expectativas de sair da recessão, algo que foi reconhecido pelo presidente do FED e levou à queda das bolsas. Todas as opções discutidas pelos governos capitalistas frente a esta situação implicam em inflamar ainda mais a luta de classes, seja por novos planos eufemisticamente chamados de “austeridade”, com privatizações e cortes de salários e aposentadorias, ou uma bancarrota do tipo que se viveu na Argentina em 2002, mas com conseqüências muito mais graves para o conjunto da economia e da política mundiais.

Toda a experiência histórica mostra que uma crise desta profundidade alenta enfrentamentos de classe de proporções históricas. Já temos começado a ver algo assim nos levantamentos que se desenvolvem no norte da África e nos países próximos. Mas lá as forças que se reivindicam parte do marxismo revolucionário como os que estamos aí, são inexistentes ou muito débeis. Aqueles que combatem na Líbia contra Kadafi com as armas em punho, por exemplo, não o fazem com a perspectiva de instaurar um governo dos trabalhadores nem uma Federação das Repúblicas Socialistas dos países da região, senão sob direções que fazem as massas crer que a liberdade pode ser conquistada das mãos das bombas da OTAN. A debilidade das forças revolucionárias em nível internacional é a principal vantagem com a qual conta, o imperialismo e a burguesia para conter o embate das massas.

Porém, isso não pode ser visto evolutivamente. Crises como as atuais são grandes oportunidades para o desenvolvimento das organizações que nos reclamamos revolucionárias. Se tomamos a sério a afirmação de que a crise que estamos vivendo abre cada vez mais a porta para situações revolucionárias e a guerras de distintos tipos, isto é, a continuação da política por meios violentos, segundo a famosa frase de Clausewitz que assumiram como sua todos os grandes nomes do marxismo revolucionário, então a nova geração revolucionária que está aqui presente tem que ser consciente da relevância de que, para além desta conjuntura, assume hoje para todos nós a reflexão sobre os problemas da insurreição, incluindo os que fazem do problema militar que toda revolução digna deste nome colocam. Uma reflexão que percorreu a história da II, III e IV Internacional e que a partir do PTS estamos encarando hoje em ampla escala, para melhor nos prepararmos teoricamente, programática e politicamente ante os enfrentamentos que virão.

Não foi casual que Lênin realizou um estudo pormenorizado da obra de Clausewitz durante a primeira guerra mundial. Há muitos os que consideram este encontro de Lênin com a obra de Clausewitz, e nós coincidimos com esta apreciação, como um acontecimento de primeira magnitude, que permitiu um salto no desenvolvimento do pensamento marxista, não só no que diz respeito à sua relação com os enfrentamentos armador diretos, algo que se viu na apropriação teórica de Clausewitz feita por Lênin e Trotsky, na tarefa colossal que foi a formação e o triunfo do Exército Vermelho na guerra civil, mas incorporando muitas das mais lúcidas observações do oficial prussiano para a intervenção política revolucionária nos mais diversos planos da luta de classes que a classe operária desferiu contra a burguesia.

Sem ir mais longe, a relação que mencionamos entre intervenções táticas, isto é, a arte de conduzir operações isoladas, como seria uma greve ou uma campanha eleitoral, com o objetivo estratégico, a arte de vencer, em nosso caso a conquista do poder por parte do proletariado em base a seus organismos de democracia direta e seu próprio poder armado.

Trotsky insistia em *Lições de Outubro* em que a repetição da afirmação de Marx de que a “Insurreição é uma arte” era uma frase vazia se não se estudasse a consciência e a experiência acumulada da guerra civil desenvolvida na Rússia e na Europa nestes anos.

Depois dos fracassos revolucionários na Bulgária, Hungria, e Alemanha, dizia que a indiferença que existia nas fileiras comunistas pelos problemas relativos à insurreição armada se devia à força considerável que, todavia a tradição social-democrata ainda conservava entre os revolucionários, e sustentava algo que é muito importante que lembremos: “Seguramente sofrerá um fracasso o partido que considerar de modo superficial as questões da guerra civil, com a esperança de que tudo se acertará por si mesmo, no momento necessário. Se impõe estudar coletivamente e assimilar a experiência das batalhas proletárias de 1917”.

Desde então esta experiência histórica se enriqueceu com a multidão de processos revolucionários e contra-revolucionários que estiveram postos na Argentina entre 1969 e 1976, e que culminaram com a derrota que significou o genocídio em que milhares dos melhores lutadores foram ganhos para a concepção guerrilheira do problema militar da revolução com resultados que foram nefastos para os interesses da classe operária e sua vanguarda.

Em nível mundial a magnitude do retrocesso da classe operária vivida durante os anos de restauração conservadora nestes anos atuou como pressão para que nas fileiras do marxismo os debates vinculados à insurreição estiveram diretamente ausentes ou ficaram em geral restritos à superficialidade de “que tudo se arrumar no momento necessário”, como alertava Trotsky. Longe de um avanço no programa e na teoria revolucionária, na esquerda mundial o que temos visto foi um predomínio das pretensas “novas esquerdas”, que lançaram por terra o programa e a estratégia do marxismo revolucionário buscando encontrar “novas fórmulas”, os “socialismos do século XXI” ou as “unidades de esquerda” sem clara delimitação de classe nem perspectiva de poder operário. Vejamos hoje senão as defesas desastrosas dos autonomistas espanhóis no movimento dos indignados repetindo todos os preconceitos que se deram nas Assembléias Populares em 2002, com a negação do papel dirigente que a classe trabalhadora e a ilusão de construir um “mundo paralelo” sem colocar-se a luta pelo poder do Estado, e seu férreo antipartidarismo.

A nova época que estamos vivendo coloca urgentemente uma mudança desta tendência e aspiramos a que as definições programáticas desta frente, que se enriqueceu com a declaração publicada permita um avanço neste sentido.

E isso coloca uma série de questões que não tem a ver só com os momentos decisivos da revolução. Se a esquerda operária e revolucionária ganha força, a burguesia, seus partidos e a burocracia sindical não ficarão de braços cruzados. Já vimos as gangues da burocracia com a cumplicidade do governo e da polícia assassinar Mariano Ferreyra, militante do PO, a quem lembramos hoje e sempre. E mais recentemente a repressão estatal frente às grandes lutas que percorrem a província de Santa Cruz, o feudo dos Kirchner. A Frente de Esquerda também coloca todas as suas forças no apoio a esta luta.

E vemos também centenas de nossos companheiros nas listas dos 4000 operários e setores populares que estão sendo processados, como meus companheiros da Em Clave Roja que apoiaram a luta de Kraft. São apenas anúncios de que para a burguesia e seus partidos, que encham a boca falando de democracia, o recurso à repressão é uma constante na hora de preservar seus privilégios. A vanguarda ope-

rária será a próxima vítima se o governo kirchnerista sai fortalecido destas eleições, e esta questão por si mesma basta para que critiquemos abertamente aqueles que defendem que haveria que apoiar o oficialismo em um eventual segundo turno.

Mas se eles contam com todos os recursos para manter a classe operária na marginalidade, desde os milionários fundos estatais e o controle dos meios de comunicação até o aparato judicial e as forças armadas, seguindo Clausewitz também podemos dizer que nossas fileiras contam com algo que eles não tem e que é central para entender a relação de forças entre dois combatentes, que é a força moral. Sem força moral, o exército mais bem equipado sucumbe, como aconteceu com os EUA no Vietnã. E a força moral de nossas fileiras advém do objetivo de nossa luta, acabar com esta sociedade de exploração e avançar para a libertação da humanidade. Esta força moral que se baseia no ódio à exploração e à opressão nas que se baseiam as mobilizações operárias e populares, como a que recentemente foi duramente reprimida em Las Heras. Uma força moral que combinada com um programa, uma estratégia e um partido que lute por eles e consiga encabeçar a ação das massas, pode mudar o rumo da história.

Para que possamos vencer esta juventude tem em nosso país o desafio de organizar suas fileiras não só no movimento estudantil mas fundamentalmente na juventude trabalhadora. Esta é uma tarefa chave para quebrar o centro de gravidade do peronismo, que é o controle por parte da burocracia sindical da grande maioria dos sindicatos e das comissões internas e corpos de delegados. Ninguém pode desconhecer os muito importantes avanços realizados pelo sindicalismo de base, não só entre os estatais como também entre os professores, mas na indústria e nos serviços, em que a ditadura patronal é aberta e o trabalho revolucionário se enfrenta a múltiplas dificuldades. Temos o orgulho de que hoje estejam aqui vários destes companheiros que fazem um grande trabalho nos setores de alimentação, gráficos, ferroviários, metalúrgicos, etc. Mas sabemos que isso é só o começo. Vamos por muito mais. E parte disso é a votação da Conferência que recentemente a Juventude do PTS realizou com o objetivo de avançar na inserção revolucionária na classe trabalhadora em base aos métodos de intervenção que permita chegar em maior escala à juventude trabalhadora, tarefa que a juventude estudantil também tem um papel a cumprir.

Vamos difundir entre milhões a alternativa operária e socialista expressada pela Frente de Esquerda e seu programa. O capitalismo não oferece outra saída que a continuidade da miséria, da exploração, das crises e guerras. Ponhamos todas as nossas forças para forjar a ferramenta que permita acabar com este sistema decadente.

DECLARAÇÃO PROGRAMÁTICA DA FRENTE DE ESQUERDA E DOS TRABALHADORES

A Frente de Esquerda se une para defender a independência política dos trabalhadores contra os diferentes blocos capitalistas que expressam o governo, os

patrões opositores e as diferentes variantes de centro-esquerda. O faz em base a um programa operário e socialista, para intensificar a mobilização dos trabalhadores e dos explorados contra o governo e empregadores. A Frente de Esquerda apresenta-se como uma referência política para aqueles que lutam pela independência dos sindicatos e da expulsão da burocracia sindical e suas gangues, e pela independência de um movimento popular do capital e de seu estado.

No contexto de disputas acirradas entre o governo e a oposição patronal, Frente de Esquerda reflete o mandato de trabalhadores que lutam, apresentando um bloco unitário e de classe para enfrentar os políticos e os patrões e quebrar a proibição eleitoral da chamada reforma política.

Esta frente foi formada num momento em que a crise capitalista internacional segue seu quarto ano, com aumento da miséria das massas em grandes regiões do planeta. Na Europa, vários países estão à beira do default. A situação não é melhor nos EUA onde a crise econômica sacode seus pilares, enquanto passa por uma crise política e militar no Iraque e no Afeganistão, sendo alvo também da revolução árabe contra os ditadores pró-imperialistas. A política do imperialismo e seu governo busca descarregar esta crise sobre os trabalhadores e povos do mundo. Portanto, há lutas em todos os continentes, com destaque para a rebelião dos “indignados” na Espanha que tem ameaçado o governo de Zapatero. Em muitos países, o aumento dos preços dos alimentos tem agravado a miséria das massas e conduzido à rebelião. Além das greves e manifestações que atravessaram a Europa (França à Grécia, da Grã-Bretanha para a Espanha e Portugal) contra os planos de “austeridade” dos governos capitalistas, o evento mais significativo do movimento de massa foram os levantes revolucionários em diferentes países árabes como a Tunísia, Egito, Iêmen, Líbia, Síria, Bahrain, entre outros. Na Líbia, a intervenção da OTAN visa prevenir a queda revolucionária do coronel Kadafi e conter todo o processo desencadeado na região. Chamamos a apoiar o triunfo destas revoluções e diferenciarmo-nos claramente dos falsos esquerdistas que apoiaram a intervenção imperialista e da OTAN, bem como denunciar os supostos antiimperialistas Castro-Chávez que se solidarizam com ditadores assassinos de seu povo. A América Latina não está imune a esta crise. Basta pensar nas implicações para a região de uma falência bancária européia ou um freio na economia chinesa. Neste momento, existem lutas por salários na Venezuela, greve geral da COB na Bolívia, tivemos a grande greve da construção civil no nordeste do Brasil, Uruguai e greves gerais e manifestações estudantis no Chile, entre outros. A Frente de Esquerda denuncia claramente o caráter capitalista de todos os governos latino-americanos, expondo aos olhos dos trabalhadores, camponeses e estudantes o verdadeiro caráter dos governos de Evo Morales, que reprimiu os grevistas no COB enquanto Hugo Chavez criminaliza os professores em luta, que vem de deter e entregar ao governo de direita de Santos o jornalista colombiano Perez Berra, com asilo e nacionalidade sueca, em violação de direito democrático básico de asilo. A etapa aberta em nível mundial pela crise capitalista não admite vacilações. Exige uma resposta revolucionária da classe operária. Chamamos a que a crise seja paga pelo imperialismo, as corporações multinacionais, banqueiros e capitalistas. Fora o

ajuste do FMI na Europa! Apoio para todos os trabalhadores e reivindicações populares! Enquanto nós denunciemos as direções traidoras do movimento operário europeu se recusam a unir as reivindicações e coordenar as lutas do continente. Neste contexto, que frente as eleições em nosso país, denunciemos o kirchnerismo, cruzado por disputas entre seus vários de seus componentes, que asseguraram nos últimos anos lucros astronômicos para os patrões e religiosamente pagou a dívida externa que vem da ditadura. O país ainda é dominado pelo capital estrangeiro, enquanto que os monopólios de mineração, petróleo e soja estão liquidando nossos recursos não renováveis. Eles mantiveram a grande maioria das privatizações de Menem, gozando de milhões em subsídios do governo. Os fundos da ANSES fundos não foram utilizados para atender as demandas dos aposentados, mas para subsidiar os capitalistas, pagar dívidas e financiar o clientelismo político oficial.

Embora os Kirchner recitem o seu “progressismo”, dizendo que redistribuiu-se riqueza, mais de 50% da classe trabalhadora recebe 2.500 pesos por mês (o mínimo estimado para garantir as necessidades básicas é de 5.000 pesos) e 40% são trabalhadores precarizados. O subsídio universal por filho é inadequado, deixando por resolver o problema grave de desnutrição e mortalidade infantil. A educação e a saúde pública aprofundar a sua crise por falta de orçamento, com salários de miséria para os seus trabalhadores, enquanto há um grande crescimento dos negócios do ensino privado e da saúde.

Este governo, que diz “nacional e popular” - tem a adesão de prefeitos, governadores e as respectivas PJ burocracia sindical, a mesma que orquestrou o assassinato de Mariano Ferreyra. A CGT em 10 anos não chamou uma única greve geral. As candidaturas da Frente para a Vitória em cada província são chefiadas por experientes representantes de interesses patronais, muitos dos quais vêm da época Menem: Gioja em San Juan, De la Sota em Córdoba, Salta Urtubey, Scioli na província de Buenos Aires , Insfrán-repressor de Qom em Formosa, entre outros. O kirchnerismo pactou com Menem, Barrionuevo, Saadi e Rico para “unir ao peronismo”, com o único objetivo de garantir a eleição de Cristina.

O governo nacional se proclama “defensor dos direitos humanos”, mas aumenta dia a dia o número de lutadores processados, totalizando mais de 4000 perseguidos, enquanto protege as gangues ligadas à burocracia sindical. E ainda que as lutas populares e democráticas conseguiram que mais de uma centena de assassinos em massa tenham sido condenados, milhares permanecem impunes e as testemunhas estão em risco de voltar a desaparecer, como aconteceu com Julio Lopez. Enquanto se fala de “integração latino-americana”, o governo mantém as tropas na ocupação do Haiti para servir os interesses dos EUA.

Os setores o centro-esquerda que apóiam o governo, como o Nuevo Encuentro de Martín Sabbatella, se prestam ao papel de pintar de “progressista” um projeto que foi proposto para restaurar a ordem capitalista que estava em crise com a rebelião popular de dezembro de 2001. Sob o patrocínio de vários grupos econômicos, como o Clarín e Techint, entre outros, a oposição patronal está dividida e dizimada. Nada de bom pode vir para os trabalhadores dos Alfonsín, De Narvaez, Duhalde, Carrio e outras variantes patronais. Pino Solanas, por sua vez, também

declinou de sua candidatura, procurando seduzir o representante das patronais sojeiras Hermes Binner para ser seu candidato presidencial. Sua suposta oposição ao bipartidarismo é apenas declamação: Santa Fe apóia a frente formada pelo PS e a UCR em Neuquén a UNE, seu principal aliado na província, que faz parte de uma frente comum com a UCR e o PJ. Em Córdoba se aliou com Luis Juez, Capital com o PS e Stolbizer. Nenhuma dessas alianças eleitorais será uma solução para os problemas dos trabalhadores e do povo. A Frente de Esquerda chama não sermos enganados por esta nova variante da Frepaso.

Em contraste, a nossa Frente é composta em grande parte pelos melhores lutadores que tem dado a classe trabalhadora ao longo destes anos (trabalhadores ferroviários, a Subway, Zanon, INDEC, Alimentação, estado, educação, gráficos, metal, de SMA-TA AGD- UBA, e muitos outros). Lutadores que também compõem o movimento estudantil secundarista e universitário, que levam adiante as lutas contra o genocídio e a luta pelos direitos das mulheres e contra todas as formas de opressão sexual. A Frente de Esquerda denuncia e defende a revogação da “reforma eleitoral” que aumenta a intervenção estatal dentro dos partidos políticos, faz com que as condições para a obtenção da legalidade eleitoral seja ainda mais anti-democrática, cerceando direitos democráticos básicos.

Interviremos ativamente nesta campanha eleitoral, apresentando listas em 19 dos 24 distritos eleitorais do país. A Frente de Esquerda vai usar a campanha para mobilizar politicamente o segmento crescente de trabalhadores e lutadores populares no país, para promover, com base em um pólo político independente, claramente delimitado das frações capitalistas, incluindo a centro-esquerda para transformar os trabalhadores em um fator político decisivo, capaz de liderar a nação inteira de explorados contra o capitalismo e o imperialismo. O combate eleitoral da Frente de Esquerda serve para organizar e elevar os trabalhadores a lutar por seu próprio governo.

Com base nesses objetivos levantou o seguinte programa, que inclui inicialmente como medidas de emergência:

1. Salário mínimo igual de acordo com as necessidades básicas de uma família, indexado periodicamente de acordo com o aumento real no custo de vida. Remoção do IVA sobre a cesta.
2. Reintegração dos 82% móveis. Pagamento retroativo dos correspondentes. ANSES que esteja sob a administração direta dos aposentados e trabalhadores.
3. Distribuição de horas de trabalho com remuneração igual para o fim do desemprego. Proibição de demissões e suspensões.
4. Basta de terceirização. Todos os funcionários devem ser efetivados. Abaixo as leis flexibilizadoras.
5. Fim da perseguição e cancelamento de processos judiciais contra mais de 4.000 trabalhadores e lutadores populares. Liberdade a Roberto Martino e todos os presos políticos.
6. Expropriação final, sem pagamento de indenização de Zanon e das outras fábricas recuperadas.

7. Não ao pagamento de dívida externa. Negativa de pagamento ao Clube de Paris. Dinheiro para os salários, trabalho, educação, saúde e habitação, e não para a dívida externa.
8. Re-nacionalização de todas as empresas privatizadas sob o controle dos trabalhadores e usuários.
9. Nacionalização, sem indenização e sob controle dos trabalhadores dos serviços bancários e de comércio exterior, petróleo, mineração, pesca e grande indústria.
10. Expropriação da oligarquia latifundiária, bem como os monopólios de grãos, e de produtores frigoríficos. Pela nacionalização da terra, começando com a expropriação dos 4000 principais proprietários, respeitando os direitos dos camponeses pobres, os povos indígenas e pequenos agricultores que não exploram o trabalho assalariado. Não a expulsão de camponeses de suas terras de origem. Reversão de decreto da ditadura que governa o trabalho agrícola.
11. Defesa da educação e saúde pública e gratuita. Basta de subsidiar a educação privada. Fora as igrejas na educação. Abaixo com a Lei do Ensino Superior. Que o Estado pare de financiar a Igreja Católica. Por um sistema nacional de saúde pública e educação de qualidade para todos custeado pelo Estado. Por uma educação nacional única estatal, gratuita e laica. Nacionalização sem pagamento de laboratórios que lucram com a saúde das pessoas. Fornecimento de medicamentos gratuitos para os necessitados. Chega de Serviço Social em que se enriquecem os burocratas sindicais. Pelo controle democrático através dos comitês operários eleitos na base.
12. Fora a burocracia sindical patronal das ferrovias. Renacionalização do sistema ferroviário sob controle e gestão dos trabalhadores em todos os níveis.
13. Julgamento e punição de todos os autores do crime de Mariano Ferreyra (UGOFE, Polícia, Pedraza e sua gangue).
14. Fora a burocracia sindical. Pela independência dos mesmos do governo e do Estado. Abaixo a Lei de Associações Profissionais. Pela mais ampla democracia sindical. Pelo direito dos trabalhadores de se organizarem como quiserem, sem controle do Estado. Pela eleição de paritários em assembléia. Que a CGT rompa a sua “aliança estratégica” com o governo e empregadores e chame um plano nacional de luta votado pela base. Apoio ao sindicalismo combativo e anti-burocrático. Plano de luta de todo o movimento operário por aumento de salários, contra o trabalho precarizado e as terceirizações.
15. Fora com o FMI e o kirchnerismo do INDEC. Restituição de todos os funcionários deslocados. Por um INDEC geridos pelos seus trabalhadores e técnicos, independente de qualquer governo empregadores.
16. Reparação com vida de Jorge Julio Lopez e Luciano Arruga. Prisão para os assassinos materiais e políticos de Carlos Fuentealba. Prisão perpétua e comum a todos os genocidas, os autores dos crimes da Triple A. Não à redução da idade penal. Fora a polícia dos bairros. Cancelamento da lei “terrorismo”.

17. Pelo direito ao aborto legal, seguro e livre. Contraceptivos para evitar o aborto, e aborto legal para não morrer. Pelos direitos das mulheres trabalhadoras. Para trabalho igual salário igual. Creches nos locais de trabalho e estudo. Contra todas as formas de opressão sexual. Abaixo os decretos de perseguição contra gays, lésbicas, travestis e transexuais.
18. Habitação digna para todos. Por um plano de habitação para os setores de baixa renda e urbanização de vilas e povoados. Ocupação das casas ociosas em mãos dos especuladores imobiliários. Não à criminalização das ocupações imigrantes e outros setores que lutam por terra.
19. Que todos os legisladores ganhar o mesmo que um trabalhador qualificado ou um diretor de escola por dez anos. Revogabilidade dos mandatários pelos próprios eleitores. Abolição do Senado e da instituição presidencial, que tem poderes de monarca. Eleição direta dos juízes. Por jurados populares.
20. Por um governo dos trabalhadores e dos povos impostos pela mobilização dos explorados e oprimidos.
21. Retirada imediata das tropas argentinas no Haiti. Fora as tropas britânicas e da OTAN das Malvinas. Contra qualquer tipo de bloqueio e agressão imperialista contra Cuba e contra a restauração capitalista em Cuba. Por uma política internacional para apoiar os trabalhadores e rebelião popular em todo o mundo, pela expulsão do imperialismo de todos os países do continente, pela unidade socialista da América Latina.
22. Viva a revolução árabe. Fora a OTAN da Líbia. Abaixo a ocupação sionista da Palestina.

Apelamos aos trabalhadores, às correntes de esquerda e todos os combatentes para que se juntem e acrescentem o seu apoio à Frente. Apelamos aos progressistas a abandonar o projeto da centro-esquerda e contribuir para a Frente de Esquerda, a frente dos trabalhadores.

Frente de Esquerda e dos Trabalhadores: Partido dos Trabalhadores - Partido Socialista dos Trabalhadores - Esquerda Socialista.

02 de junho de 2011